

PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM NO BRASIL: AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS NOS MANUAIS DE INTRODUÇÃO

José Carlos Leandro (UFPE)

jlendrus@yahoo.com.br

1.Introdução

Na abordagem assumida no presente projeto, entendemos que Filosofia da Linguística, enquanto modo de acompanhar criticamente o trabalho do linguista autor do manual, não pode prescindir da contribuição da Filosofia da Ciência, como instrumento analítica do fazer de todo e qualquer pesquisador em qualquer área do conhecimento. Sabemos que, por sua vez, o estudo da Filosofia da Ciência leva em conta os achados da História da Ciência, a fim de não normatizar rigorosamente a análise pautada pela Filosofia da Ciência em sua tarefa de desvelar os avanços e recuos que uma determinada ciência realizou.

Um exemplo da relevância da inserção da Filosofia da Ciência nos problemas linguísticos no processamento da análise de teorias como o Estruturalismo desenvolvido por Saussure na Europa, especificamente na França e na Suíça, é a presença da mesma corrente efetuada nos Estados Unidos. Enquanto o Estruturalismo de base dicotômica e universalista predominou na Europa, a corrente de mesmo nome focou a descrição fonética, morfológica e sintática de línguas indígenas ou em extinção na América do Norte, particularizando assim as descobertas linguísticas como fenômenos presentes em cada uma das línguas, fenômenos que, inclusive, poderiam não se repetir em outras. À Filosofia da Ciência cabe oferecer as motivações externas que levaram os estudiosos da linguagem nos diferentes continentes a escolher uma perspectiva do Estruturalismo e desenvolvê-la mais que outras. À Filosofia da Linguística cabe justificar quais os rebatimentos que tais escolhas por um determinado modo de fazer pesquisa estruturalistas tiveram para os estudos da linguagem de um modo geral.

Nesse aspecto, este projeto se propõe a compreender a (s) influências(s) que os estudos linguísticos contemporâneos, nos últimos 30 anos, tiveram sobre a forma como as teorias da linguística são apresentadas nos Manuais de Introdução à Linguística que foram publicados por autores nacionais. Dessa forma, abordaremos em nosso estudo a Filosofia da Linguística como uma disciplina que se ocupa hoje de tais questionamentos. Compreendemos a Filosofia da Linguística como um ramo da Filosofia da Ciência voltado especificamente à análise da Linguística e de “suas teorias, cabendo-lhes investigar as formas de obtenção do conhecimento fundamentado sobre a linguagem humana que os linguistas, no mundo real, utilizam”. (NETO, José Borges, 2004, p.8).

Acreditamos ser importante entender como os estudiosos da linguagem e, principalmente, os proponentes de teorias que explicam o funcionamento dela são apresentados pelos autores de manuais de introdução aos estudos da linguagem, pois os conhecimentos expostos em tais manuais vão, de alguma forma, influenciar os estudantes de Letras e de Linguística, quiçá em toda sua vida profissional como docente

e como pesquisador. Nesta perspectiva, podemos inferir que a linguagem pertence à filosofia no sentido de se caracterizar como um primeiro conhecimento humano e que esta relação entre linguagem e conhecimento sempre esteve posta na vida do homem. Por causa desse inescapável atrelamento da linguagem ao conhecimento e vice-versa.

Em nossa investigação, iremos ao encontro de uma melhor compreensão das principais teorias que emergiram ao longo da história dos estudos da linguagem, principalmente depois do reconhecimento da Linguística como “ciência piloto das ciências humanas”, no século XX, em decorrência da publicação do Curso de Linguística Geral pelos alunos e discípulos de Ferdinand Saussure. Com esta motivação, este projeto de pesquisa pretende traçar um panorama, a ser analisado criticamente, das escolhas teóricas contidas nos principais Manuais de Introdução à Linguística. Nesse sentido, será fundamental considerar as singularidades das teorias e as suas determinações conceituais e históricas reveladas pelos autores deste tipo de Manual.

Por essa razão, escolhemos como teoria-guia deste projeto a Filosofia da Linguística para assim poder historiar a chegada e os reflexos das teorias linguísticas para se estabelecer o movimento de mudanças ocorridas e vislumbrar interpretações explicativas para notáveis avanços e lamentáveis recuos em torno do fenômeno língua ao longo dos séculos XX e XXI. Uma das questões desafiadoras que se apresentam em nossos dias é revelada a partir da multiplicidade das abordagens teóricas. Ela possibilita enxergarmos dois momentos: um de riqueza das abordagens e outro de certa fragmentariedade. Nesse sentido, a contribuição dos estudos bakhtinianos pode fornecer elementos analíticos relevantes, sobretudo na identificação das “vozes” e nas pistas de sua presença ou não nos textos dos manuais.

2. O problema

Já se passaram quase um século desde a publicação do Curso de Linguística Geral de Ferdinand Saussure que praticamente revolucionou os estudos da linguagem no mundo. No Brasil a Linguística enquanto disciplina curricular foi instituída nos cursos de Letras há mais de 60 anos. Um dos primeiros manuais de introdução à linguagem foi o livro *Princípios de Linguística Geral* escrito, por Mattoso Câmara, denominado o introdutor da Linguística no Brasil,. A influência dos escritos de Mattoso Câmara sobre a formação dos primeiros linguistas brasileiros é inegável. Joaquim Mattoso Câmara Junior, aluno de Roman Jakobson nos EUA, foi o grande pioneiro da linguística descritiva no Brasil. Ministrou o primeiro curso de linguística na Universidade do Distrito Federal (1938 e 1939) e depois na Universidade do Brasil. Ele lecionou Filologia e Linguística na Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal (UDF) entre 1938 e 1939.

Ressaltamos, dessa forma, a contribuição de Matosso Câmara na divulgação das teorias linguísticas em livros e periódicos da década de 1940. Ele promoveu diversos cursos, os quais fizeram surgir o primeiro manual de lingüística do Brasil: *Princípios de Lingüística Geral*, que teve seguidas reedições. Essa publicação levou os estudiosos a aderirem Linguística, que viabilizaram o ensino desta disciplina nos cursos de letras, especialmente a partir da dos anos 60. Sua contribuição foi relevante para o processo de inserção da Linguística nos estudos brasileiros. Nesse sentido, compreendemos que a escrita de manuais constitui um modo específico de produzir e

difundir conhecimentos entre iniciantes e curiosos por dar os primeiros passos em direção a uma determinada área das diversas ciências. Acreditamos haver uma lacuna de informação sobre o papel que este tipo de publicação tem feito para a ampliação do interesse de mais e mais jovens pesquisadores pelos estudos da linguagem. Entendemos que, historicamente, o conhecimento científico questionou justamente a idéia de verdades adquiridas *ad infinitum*, e por isso multiplicam-se hoje no interior das ciências as possibilidades de variação das perspectivas sobre o real, além do que se possa sustentar a idéia de um progresso no conhecimento. Assim, assumimos a idéia de que a história da ciência não pode mais ser vista como um processo de acumulação de conhecimentos como quer fazer crer a metáfora do muro do conhecimento. Pelo contrário, o conhecimento parece ser constituído por diversos saltos e rupturas como defendeu Kuhn (1992).

A Linguística não escapa a este funcionamento científico. E não apenas a Linguística, mas as demais ciências humanas apresentam dificuldades para aplicar o método científico que exige objetividade, previsibilidade e universalidade dos resultados obtidos a partir de um mesmo conjunto de procedimentos metodológicos para, só assim, validar uma determinada teoria. Essas ciências não gozam de uma possível uniformidade nos procedimentos que regulariam suas atividades investigativas. Os recortes necessários que são feitos nos *corpora* utilizados nas ciências humanas produzem, em certo aspecto, uma espécie de obstáculo à construção de uma análise consubstanciada em dados quantificados que gerariam a desejada homogeneidade e previsibilidade nos resultados impostos para uma determinada disciplina ser classificada de científica. No caso dos estudos da linguagem, seu objeto de investigação, a língua, varia e muda no tempo e no espaço, bem como de acordo com a classe social, nível intelectual e opção sexual, cujo saldo em relação às ciências exatas e até biológicas.

Dos anos 1940 até os dias de hoje, muitos outros manuais foram publicados por diferentes estudiosos da linguagem, muitos deles não mais influenciados pela visão mattsiana, mas por outros teóricos como Noam Chomsky, por exemplo. Esta perspectiva histórica instiga-nos a investigar sobre o processo que consolidou a inserção de certo domínio de conhecimento como um tipo de produção de saber científico. Será possível extrair da análise dos Manuais as razões que justifiquem a saliência de um determinado viés de estudo em torno da língua.

Em outras palavras, urge saber se e como os Manuais de Introdução à Linguística influenciam a visão de linguagem que predomina na academia por um determinado período da história dos estudos da linguagem. Cumpre também descobrir se a prática pedagógica de alguns professores, indicando e partindo da perspectiva de ciência e o modelo teórico de maior prestígio eleito pelos autores dos manuais, interfere na escolha de determinadas teorias da moda pelos estudantes, futuros pesquisadores, no desenvolvimento de seus projetos de pesquisa na área.

3. Referencial teórico

3.1. Conceito de Linguagem

No presente projeto, assumimos o conceito de linguagem como a capacidade humana de se expressar por meio de um conjunto de signos e que lhe permitem criar mundos e realidades ausentes ao contexto imediato e assim consignar a interação

objetivada. Nesse aspecto, compreendemos a língua como uma forma de ação intersubjetiva (entre sujeitos) mediada por signos verbais; trata-se de uma atividade de natureza sociocognitiva, simbólica, histórica e culturalmente criada para promover a interação humana. Por outro lado, a língua se efetua por meio de textos, que são, a nosso ver, eventos de comunicação nos quais convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, como já disse Beaugrande (1997).

3.2. História das Ciências

A compreensão que adotamos para História das Ciências procura efetuar uma análise das sequências dos fatos categorizados como científicos. Como se procederam as descobertas em seus contextos de investigação, de que forma as crises teóricas fizeram surgir novas abordagens, e, como, as teorias se desenvolveram neste percurso são questões cujas respostas são perseguidas incansavelmente pelo historiador das Ciências. Nesta perspectiva, faz-se necessário enxergar o dinamismo interno dos fenômenos científicos para além dos limites das teorias cujos sucessos foram acumulados como ponto de partida para teorias vindouras. Antes é preciso ver a História das Ciências cujos acontecimentos normalmente rompem entre si fazendo derivar teorias bastante diversas. Podemos citar dois exemplos em que houve completa ruptura. O primeiro foi a Teoria Geocêntrica defendida pelo filósofo Ptolomeu, segundo a qual a Terra seria o centro do universo. Tal teoria veio a ser contestada séculos depois por Giordano Bruno, Nicolau Copérnico e Galileu Galilei. Para esses pesquisadores, a Terra giraria em torno do Sol, a chamada Teoria Heliocêntrica que toma o Sol como o centro do universo. O segundo exemplo refere-se à Teoria dos movimentos dos corpos elaborada por Isaac Newton, posteriormente contestada por Albert Einstein em sua Teoria da Relatividade no movimento dos corpos em relação sua massa e a sua velocidade observada a partir de um ponto do planeta.

3.3. Teóricos do conhecimento científico

Karl *Popper* (1999) defendia a ideia de que o surgimento de uma teoria, apesar de possuir sua independência, levaria necessariamente em consideração o legado da anterior. Considera-as como critério de avaliação. Para Popper, existe uma regra metodológica que guia a atividade observacional. Segundo ele, são os “óculos teóricos” que fazem o investigador observar fatos.

Thomas *Kuhn* (1992) aborda a temática em torno do desenvolvimento do pensamento científico. O debate gira em torno do significado da ciência e da sua percepção sob níveis diversos. Problematiza, numa constelação de exemplos oriundos da Física, o método da investigação científica e questiona como ocorre o progresso do conhecimento científico.

Enquanto Kuhn se apresenta como um epistemólogo descritivista, Popper é interpretado como um prescritivista. Este propõe padrões convencionais já amadurecidos teoricamente. Na perspectiva descritivista, Kuhn buscou respaldar suas teses metacientíficas na História da Ciência e na compreensão das estruturas metodológicas do trabalho científico.

Boaventura de Sousa Santos, ao escrever o texto: *Um Discurso sobre as Ciências* apresenta seus argumentos como uma crítica ordenada e fundamentada, principalmente aos cientistas naturais, sobre o que vem a ser ciência. Santos faz diversas incursões sobre teóricos que mapearam e circunscreveram o campo científico como um tesouro pertencente a grupos seletos que contribuíram na solidificação objetiva da realidade do espírito científico (aliás, o que está sólido, com o tempo, poderá assumir uma outra realidade, naturalmente). A temática em torno do desenvolvimento do pensamento científico assume uma visão plural, pois os argumentos utilizados pelo autor buscam estruturar a criação de um estatuto epistemológico e metodológico para as ciências sociais. Todavia, Santos compreende como um aspecto totalitário à exclusividade epistemológica e metodológica da ciência diante das múltiplas formas de conhecimento. Esta ortodoxia não deixaria a ciência paralela com o dogmatismo, tão combatido pela liberdade especulativa da natureza?

Fica evidente na obra de Santos que o conhecimento ordinário/vulgar não é “desordenado”, como afirmaram diversos teóricos anteriores. Este saber possui especificidades que lhes creditam um estatuto próprio e coerente com a sua correspondência com determinados aspectos da realidade objetiva. Ou seja, o conhecimento do senso comum possui uma ordenação argumentativa relevante. O que a ciência faz é explicitar, efetivar sistemática e metodicamente esta racionalidade implícita ao conhecimento ordinário, o que significa um novo olhar e uma mudança de postura diante do real.

O autor põe em análise o “circuito fechado” do pensamento científico estabelecido pelos cientistas ao longo do tempo. Seria como uma hermeticidade do saber produzido por determinado grupo privilegiado, os quais constroem mais do que cinturões protetores de seus postulados, e, sim, muros divisores de uma realidade única que se manifesta na diversidade. Ao mudar a direção em que as pessoas olham o mundo, projetam-se saberes novos que provocam rupturas com o estabelecido num curso quase que “natural”.

3.4 Reflexões iniciais sobre os traços da ideologia nos discursos

As ideologias não se constituem em categorias arbitrárias. Segundo Gramsci, elas são orgânicas e historicamente necessárias para a convivência em sociedade. Numa determinada formação social, as ideologias desempenham uma função específica, deslocando e ocultando as contradições reais de uma sociedade. As ideologias têm, segundo a abordagem de Louis Althusser, uma existência material em instituições: os aparelhos ideológicos do estado funcionam como espaço privilegiado dessa manifestação. Nesse sentido a formação ideológica é constituída por um complexo conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se reportam a posições de classes em conflito. Nesse aspecto, compreendemos que as formações ideológicas comportam uma ou mais formações discursivas: o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição em uma dada conjuntura, assumindo, dessa forma, a linguagem como um produto construído por interações sociais específicas. Nesse trabalho, assumimos essa perspectiva como elemento constitutivo das teorias da linguagem.

Na linha do pensamento de Foucault, as condições de possibilidade discursivas estão inscritas no próprio discurso. Ele é expresso pelo seu próprio produto. O campo

de configuração do discurso (mutações do discurso; passagem de uma forma enunciativa para outra, etc) resulta naquilo que Foucault chama de formações discursivas, as quais obedecem a critérios de reconhecimento. São as condições de possibilidade dos discursos, mediados pelos seus enunciados, inseridos num contexto partilhado pelos falantes que estruturam a comunicação em determinada formação discursiva.

O autor estabelece com clareza as relações das práticas discursivas e das práticas não-discursivas. Ele sai do discurso para dar conta do discurso, muda de terreno e postula a não-autonomia das práticas discursivas. A relação proposta é de justaposição, sem hierarquia, sem dominância, sem que o nível discursivo jamais esteja dependente do conjunto de uma formação social, do seu jogo complexo de instâncias e dominâncias. A partir da perspectiva foucaultiana, deve-se considerar o que está justaposto: elementos de infra-estrutura (processo econômico, trabalho industrial); elementos da superestrutura jurídica (regras de jurisprudência); elementos de superestrutura ideológica (condições e processos de exclusão social, sistemas de normas e comportamentos, entre outros aspectos.

Na perspectiva da análise do discurso, a língua tem um funcionamento parcialmente autônomo, não estando o sentido submetido à ordem da língua. O sentido é da ordem das formações discursivas as quais materializam formações ideológicas. A língua não é transparente, mas tem uma ordem própria que a linguística descreve. O campo que se delinea na análise do discurso é o do sentido. O sentido, nesta abordagem teórica, decorre das enunciações, as quais se caracterizam por atos que se dão no interior das formações discursivas que determinam o sentido do que se diz. A universalidade e a generalidade estão excluídas. O sentido é concebido numa dimensão de produtor de efeitos (tensão entre abertura e contenção de sentidos), mais do que uma decodificação imanente nas discursividades. Dessa forma, poderemos inicialmente inferir que os discursos apresentados nas diversas teorias presentes nos manuais de introdução não estão isentas de estruturas exógenas nas suas formulações e apresentações.

Sendo assim, a Pragmática vem representar uma perspectiva que amplia a atuação da análise dos discursos. No entanto, existem pontos de análises diversos entre as metáforas pragmáticas (evadas de sociologismo ou psicologismo) e a abordagem da análise do discurso enquanto perspectiva mais abrangente. Os interlocutores são vistos na Pragmática de modo individual.

Na ótica da ruptura, Possenti cita Pêcheux para quem o estudo dos processos discursivos supõe duas ordens de pesquisa: (a) a da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso – condições de produção e (b) seu processo de produção. O conceito de circunstância vai ser substituído pelo de condições de produção para retirar o funcionamento do discurso da cena pragmática. Na linguística atual, condições de produção estão representadas pelas noções de contexto ou situação. Desse modo, a análise do discurso rompe com a pragmática, pois o que é exterior vai ser apresentado como relevante em termos de contexto.

Ao abordar nosso objeto de pesquisa não podemos deixar de a análise do discurso dar mais relevo ao que em um evento se repete, eventualmente durante décadas, do que aquilo que é característico da circunstância. Ela coloca a questão das representações imaginárias que são resultantes de um processo social, ideológico. O conceito foi

perdendo terreno, mas importa tratar das condições históricas de produção do discurso. Nesse sentido, como observaremos adiante, surge um espaço singular para a comparação da relação textos e imagens na construção dos sentidos.

3.5. Filosofia da Linguística

Assumimos o conceito de Filosofia da Linguística postulado por Borges Neto (2004, p.8) para quem trata-se de “um ramo da Filosofia da Ciência voltado especificamente à Linguística.” Representa um campo paralelo às demais perspectivas filosóficas das outras ciências (Física, Matemática, etc.). A Filosofia da Linguística está inserida na esteira da Filosofia da Ciência como elemento de estudo.

Entre as atividades da Filosofia da Linguística está a preocupação em investigar a natureza das teorias linguísticas, além do estabelecimento das possíveis relações entre elas. Procura, também, estabelecer um paralelo entre os conceitos explicitamente defendidos e as representações nas teorias analisadas. Cada teoria trilha seu caminho por pressupostos diferentes. Nesse sentido, a Filosofia da Linguística busca reconhecer as virtudes e os defeitos das teorias, buscando revelar o porquê de serem feitas certas escolhas teóricas em determinados períodos da história da Linguística.

A Filosofia da Linguística não busca apenas descrever teorias. Ela as analisa sua eficácia e contribuições legadas para a área. Ela não propõe regras ou normas que estipularão um comportamento a ser seguido pelos cientistas. Pretende antes valorizar uma dada teoria pelo critério de explicitude e de elucidação trazido para a melhor compreensão de um determinado fenômeno ocorrido no interior da linguagem. Ela observa e pontua as razões envolvidas nas escolhas dos cientistas. Parte do princípio de que as teorias elucidativas podem aumentar o conjunto de conhecimento sobre a linguagem humana. Nesse sentido, um dos aspectos importantes da Filosofia da Linguística tem a ver com as boas descrições das teorias em seus vários pormenores, procurando relacioná-la com a história da linguística como um todo.

Desde a “Virada Linguística da Filosofia” no início do século XX, as principais questões dos filósofos contemporâneos têm se vinculado à linguagem e ao mundo que ela representa na mente humana. Se por um lado o filósofo da Linguística se preocupa em analisar a eficácia e contribuições das teorias linguísticas para o fazer científico entre estudiosos da linguagem, o filósofo da Linguagem terá como seu objeto de estudo o problema da imbricação entre pensamento e linguagem e sua representação no mundo real ou imaginário por meio das palavras.

4. Metodologia:

Consideraremos no presente projeto de pesquisa as teorias científicas, particularmente as teorias da linguagem, em seu caráter provisório, bem como reflexos de certo estado do conhecimento, sem atribuir-lhes o caráter de verdade final. Partiremos do Estruturalismo saussureano até chegarmos aos modelos teóricos mais recentes desta área do saber como o sociocognitivismo lingüístico e as teorias da enunciação e do discurso (cf. BRAIT, Beth, 2006).

Acreditamos ser possível, observando as pistas presentes nas entrelinhas dos textos das literaturas de introdução aos conceitos da linguagem, entender o porquê da predominância de determinadas linhas de pesquisa e suas correntes teóricas em determinados cursos de Letras e em seus respectivos programas de pós-graduação bem avaliados pelos sistemas oficiais responsáveis pelo fomento à pesquisa no país. Talvez, percorrendo as diversas etapas do pensamento linguístico, considerado formalmente científico, poderemos encontrar indícios que justifiquem o quadro atual da preferência por certas teorias e o desprezo por outras tão importantes quanto às prestigiadas, para o mapeamento do fenômeno língua e dos modos de tirar dela o máximo para a melhoria da vida humana.

Para a efetivação dos objetivos propostos nesta pesquisa, procuraremos utilizar um enfoque qualitativo, tomando por referência a problemática das teorias linguísticas proposta na Teoria Dialógica do Discurso (BRAIT, Beth, 2006) no processo de entendimento da realidade dos Manuais de Introdução à Linguística. Sabemos da existência de uma multiplicidade de abordagens da linguagem que permite aos pesquisadores enxergarem seu objeto de estudo, a língua, por perspectivas diferentes. Faz-se necessário, então, a sistematização de procedimentos que, mesmo preservando suas especificidades relacionadas com seu objeto de estudo, possam ser agrupados por características comuns. Também investigaremos como as “vozes” discursivas vão sendo “traduzidas” para “facilitar” a vida do estudante iniciante na área, bem como saber se no Manual a teoria é mostrada como em movimento, histórica, ou a - histórica.

5. Considerações finais

Por fim, entendemos que a dialogicidade da natureza da linguagem, segundo Bakhtin (2003), pressupõe que construímos nossos discursos num *continuum* ora complementar, ora contraditório perante as principais correntes teóricas da Linguística. Os sujeitos vão delineando suas identidades pelos múltiplos usos que fazem da linguagem, além de influenciar os modos e as formas de análise. No campo das enunciações dos sujeitos, essas marcas surgem constantemente em face da velocidade comunicativa diante das características que a linguagem assume ao longo da história. Assim, os sujeitos necessitam se inserir na perspectiva de mundo para estabelecer a clareza da comunicação e as bases de seus fundamentos.

O conceito de revolução no interior das disputas teóricas no campo da Linguística representa um processo de encontros e reencontros dos pesquisadores. É a multiplicidade de caminhos que indica que determinado aspecto do conhecimento científico continua presente nos pressupostos dos estudantes e dos variados especialistas nas questões da linguagem. Observamos que os procedimentos de diversos pesquisadores não anulam por completo os aspectos das teorias dos predecessores. Os pontos de partida e chegada parecem se mover constantemente. Dessa forma, as doutrinas serão postas em paralelo com um vasto universo de ressignificação de uma estrutura conceitual que em sua natureza é permanentemente mutável. Ou seja, o objeto dos lingüistas, a linguagem em suas múltiplas abordagens, toma a centralidade das abordagens numa perspectiva inovadora. Nesse sentido, os campos da psicologia, da sociologia, da filosofia possuem pontos de conversação com diversas abordagens diante do fenômeno da linguagem. Isto nos revela que ao dividirmos os campos do saber, por

questões de natureza metodológica, nos deparamos com certa fragmentariedade da realidade. As teorias lingüísticas buscam, em algum sentido, universalizar os seus pontos de análise diante dos óculos de cada pesquisador.

Ou seja, iremos pontuar os elementos mais significativos das teorias, a fim de perceber que elas estão inseridas num continuum e, principalmente, numa dimensão de rupturas. Dessa maneira, procuraremos descobrir os elementos condicionantes o aspecto enunciativo da linguagem. As diferentes teorias se desenvolveram, são aperfeiçoadas e postulam princípios e categorias que validam, sob determinada ótica, os dados lingüísticos utilizados.

Portanto, essa característica não constitui uma das mais fáceis atividades linguageiras. Os enunciados produzidos no ambiente de mudanças possuem a característica da incompletude, da fluidez e do diálogo constante. Nesse aspecto, nossa abordagem teórica irá analisar a convergência e as diferenças epistêmicas das variadas perspectivas teóricas na construção coletiva de um saber que se instaura como novidade em sua expressão, mas que carrega, também, profundas marcas de saberes anteriores.

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail (2004). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec.
- BASÍLIO, Raquel. Saussure: uma filosofia da linguística?. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010. [www.revel.inf.br].
- BEAUGRANDE, R. de (1997). *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, New Jersey: Alex.
- BORGES NETO, J. A questão da origem das línguas: Rousseau e Herder. *Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas-IEL/Unicamp*, 24, 1993, p. 91-103.
- BORGES NETO, J. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORGES NETO, J. Língua e Linguagem no pensamento chomskiano. In [8, p. 29-39]
- CAMARA Jr., J. Mattoso. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 4ª Ed., 1986.
- DUCROT, Oswald (1988). *O Dizer e o Dito*. Campinas, Pontes.
- FAIRCLOUGH, N. (1997). Discurso, Mudança e Hegemonia. In: Emília Ribeiro Pedro, (org.). *Análise Crítica do Discurso: Uma Perspectiva Sociopolítica e Funcional*. Lisboa, Caminho, p.p 77-103.
- _____. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Brasília, Editora da UnB.
- FLORES, V. N. & TEIXEIRA, M. (2005). *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo, Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene (2005). O dialogismo: Mikhail Bakhtin. In: Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo, Contexto.
- FURLAN, Reinaldo. Uma revisão /discussão sobre a filosofia da ciência. *Paidéia*, 2003,12(24), 125-138. FFCLRP - Universidade de São Paulo
- KOCH, Ingedore G. Villaça. (2005). *Desvendando os segredos do texto*. 4ª ed. São Paulo, Cortez.
- KUHN, T.S. (1962/1992). *A Estrutura das Revoluções Científicas*, 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.

- _____ (2004). Argumentação e Linguagem. 9ª ed. São Paulo, Cortez.
- MARCUSCHI, L. Antonio (2004). Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 5ª ed. São Paulo, Cortez.
- PÊCHEUX, M. 1988. Semântica e discurso-uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- POPPER, K. (1959/1999). A Lógica da Pesquisa Científica. São Paulo: Cultrix.
- POSSENTI, S. 1988. Discurso, estilo, subjetividade. São Paulo: Martins Fontes.